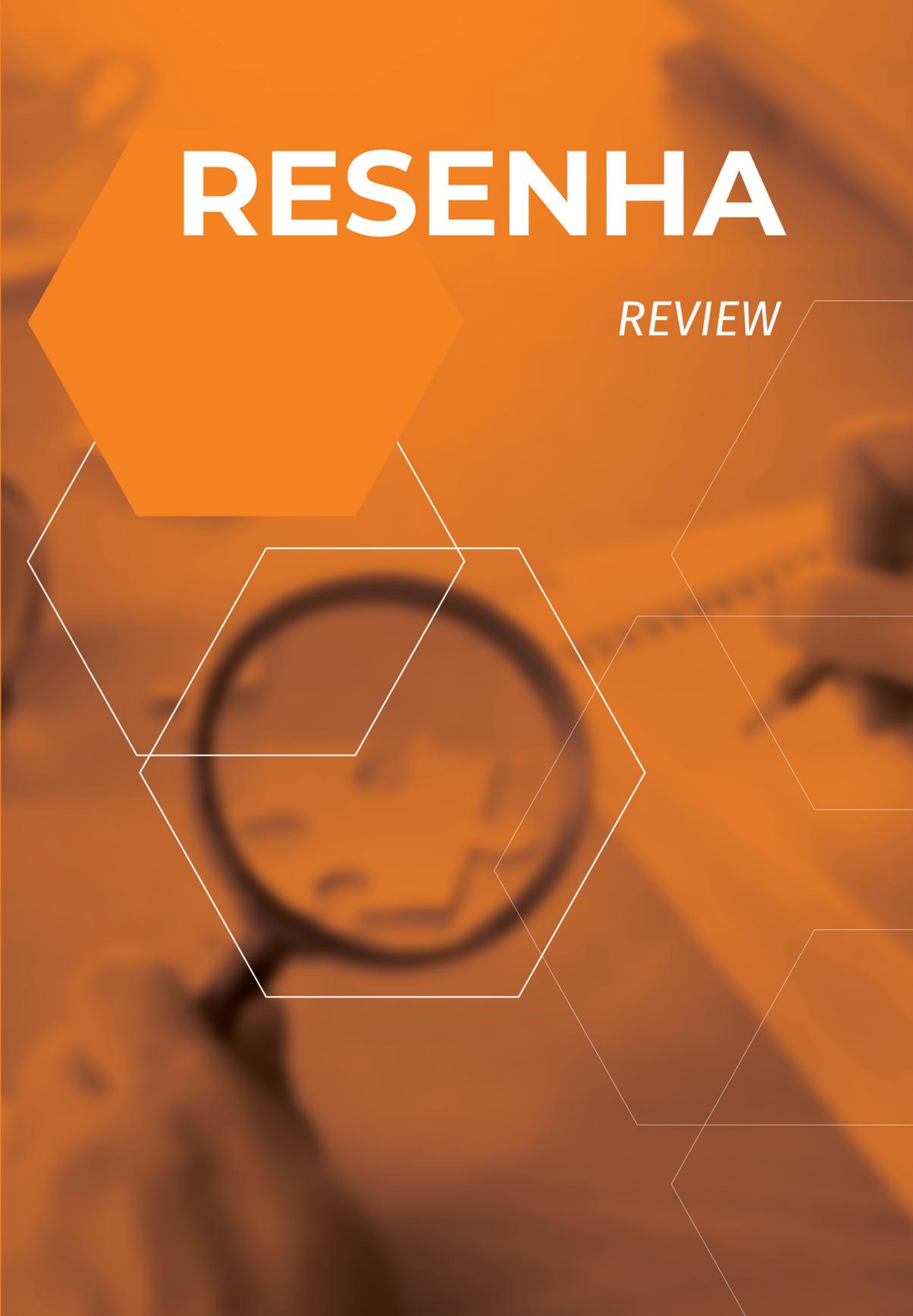


RESENHA

REVIEW



METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO SUPERIOR: O PROTAGONISMO DO ALUNO

Este livro, organizado por Blasius Debal, em doze capítulos, apresenta artigos de treze autores diferentes, propondo uma análise do cenário de transformações experienciadas na educação superior, principalmente relatando mudanças ocorridas no Centro Universitário União das Américas (UniAmérica), seja no currículo, na estrutura, nas metodologias e/ou na interação entre professor e estudante. Os autores, de maneira recorrente, explanam sobre a necessidade de que, com as mudanças estabelecidas no novo contexto mundial, também se modifiquem os espaços educativos, visando fortalecer a autonomia, o protagonismo e a participação propositiva dos estudantes a fim de que sejam sujeitos transformadores dos ambientes em que vivem.

No Capítulo 1, “Ensino Superior e aprendizagem ativa: da reprodução à construção de conhecimentos”, Blasius Debal apresenta aspectos relevantes que justificam uma nova abordagem na educação superior que seja coerente ao contexto atual. O autor traz uma retrospectiva histórica sobre a educação brasileira, apontando que, hoje, o acesso à universidade tem aumentado; no entanto, o desafio pela permanência e conclusão dos cursos ainda precisa ser enfrentado. Ele destaca, ainda, que um dos problemas que contribui para a desistência de se cursar uma graduação é a metodologia adotada e que muitas instituições dão ênfase à teoria, restringindo a parte prática ao final dos cursos. Como proposta de rompimento da realidade estabelecida, surgem os processos inovadores, então o autor apresenta experiências vividas no UniAmérica em que se conseguiram estabelecer mudanças significativas de transformação da educação superior. Na instituição, propõe-se uma nova organização para que a inovação de fato aconteça, tanto no campo curricular quanto no espaço físico e na formação e na preparação da equipe. E a proposta resulta em um processo educativo mais dinâmico, prático e contextualizado, em que problemas reais são foco de análise, buscando-se a teorização para se compreender o fenômeno e fazer a intervenção mais adequada.

No Capítulo 2, “Modos de ser estudante e as pedagogias ativas: autonomia e aprendizagem na experiência do indivíduo livre”, a autora Sandra Oliveira destaca a importância de, em uma proposta de educação ativa, despertar-se o interesse do estudante para que haja inspiração e, portanto, a entrega dele às atividades interativas e colaborativas em busca da promoção das aprendizagens. O texto aborda ainda a necessidade do trabalho por desenvolvimento de competências, em que o lúdico tenha lugar, visando a um melhor desempenho do estudante enquanto indivíduo livre e produtor do próprio conhecimento. Discorre-se, também, sobre quais as mudanças necessárias para se instituir o trabalho com as metodologias ativas; imprescindível que se tenham novos modos de ser e agir de todos os envolvidos no processo educativo; uma abordagem atualizada e inovadora nos currículos, nas experiências, na estrutura física das instituições, no uso de tecnologias e no papel do estudante. A autora apresenta ainda três experiências distintas, em níveis de ensino diferentes, em que se propõe o desenvolvimento das metodologias ativas para fortalecer o sujeito como alguém ativo e um cidadão interventor, destacando ainda que só importa promover a autonomia e a liberdade nas práticas do estudante se for para que ele constantemente reinvente o modo de ser humano, corroborando, assim, o desenvolvimento da sociedade.

No Capítulo 3, “Estudo prévio: sala de aula invertida”, as autoras Priscilla Higashi e Silviane Pereira ressaltam como vantagens da Sala de Aula Invertida (SAI) a promoção

da leitura e do autoestudo prévio dos estudantes em relação às temáticas propostas, isso em espaço fora da sala de aula, o que auxilia o estudante a trabalhar no seu ritmo, buscar o máximo de compreensão possível do que se estuda, levantar dúvidas e desenvolver o gerenciamento da sua evolução das aprendizagens a fim de que utilize o tempo de aula para desenvolvimento de outras atividades como troca de experiências e socialização de compreensões dos estudos feitos sob diferentes óticas. Dessa forma, aproveita-se melhor o espaço de sala para aprofundamento das temáticas, fortalecendo também o feedback imediato para corrigir concepções equivocadas ou ainda mal elaboradas e orientar os estudantes na sua própria compreensão da aprendizagem. As autoras apresentam exemplos de diversas instituições de educação superior que optaram pelo trabalho com a SAI, e, como resultados disso, foram observados o aumento dos processos participativos de aprendizagem, a melhoria da comunicação entre docentes e estudantes e o melhor aproveitamento da sala como espaço para a socialização de saberes e para a atenção às dificuldades dos estudantes.

No Capítulo 4, “Recursos didáticos e aprendizagem estudantil no ensino superior”, Fátima Bergonsi aborda sobre o quanto a evolução ocorrida no mundo exige novas posturas nas ações educativas, valorizando a problematização e a resolução de situações reais que desafiam os estudantes na construção de suas aprendizagens. A autora apresenta, em seu capítulo, o UniAmérica como um espaço educativo que conseguiu romper com a educação tradicional investindo na formação dos professores, o que fortaleceu o processo de se repensarem formas de conceber a aprendizagem à medida que se valorizaram os conhecimentos prévios dos estudantes. O tempo de aula, na instituição citada, foi redesenhado e utilizado a fim de se realizarem desafios, solucionar problemas reais advindos da sociedade. Como resultados, evidenciaram-se um melhor aproveitamento dos estudos feitos pelos estudantes, articulando a teoria à prática, e a provocação do estudante a aprender a estudar, a gostar de ler e de estudar, a se preparar antes da aula para explorar, com o docente, o aprofundamento da discussão, entre outras observações. Portanto, os recursos didáticos inovadores a serem utilizados em sala de aula devem contribuir para melhorar as aprendizagens e facilitar a construção de conhecimentos, precisando levar ao exercício constante do pensar, do refletir e do desenvolver-se como pessoa e profissional.

No Capítulo 5, “Estudantes aprendem fazendo com significado”, as autoras Maurícia Cristina de Lima e Maria José Clapis evidenciam a importância de que se tenham sentido os conhecimentos propostos para que as aprendizagens ocorram. Segundo elas, aprender indica desafiar-se a enfrentar o desconhecido, e, para que isso aconteça, o estudante precisa mobilizar estruturas cognitivas prévias que possibilitem fazer ancoragens a essas novas informações. Esse conhecimento anterior é a base para a inclusão e compreensão de novos aprendizados, e é por meio da interação, da experimentação, da pesquisa em grupo, do estímulo à dúvida, do acesso às tecnologias digitais e do desenvolvimento do raciocínio que os estudantes podem construir novas aprendizagens. Em uma experiência de construção de projeto pedagógico, as autoras apresentam possibilidades de se romperem grades curriculares a fim de que disciplinas se organizem de modos diferentes, respondendo a demandas dos projetos integradores propostos para o desenvolvimento de competências profissionais por meio de investigação e de resolução de problemas reais. Dessa forma, aumenta-se a motivação para se construírem novos conhecimentos, enquanto se dá lugar à criatividade, à inovação e à cientificidade para estudar os conteúdos propostos.

No Capítulo 6, “A mediação docente e o protagonismo estudantil”, Rutinéia de Fátima Micheletto destaca o quanto os avanços tecnológicos exigem uma nova atuação

docente. Espera-se, então, no contexto atual, que o professor proponha desafios que levem os estudantes a pensarem criticamente sobre suas práticas, fazendo conexões com o que foi estudado, buscando respostas enquanto se desenvolvem habilidades de resolução de problemas. Um aspecto relevante para a construção de aprendizagens, destacado pela autora, é o erro, apresentado como oportunidade eminente dos conhecimentos serem construídos, pois, por meio dele, podem ser traçadas estratégias para a correção, de modo que a aprendizagem se torne mais significativa. Para a mudança dos processos na educação, é fundamental que se invista na formação de um docente qualificado que seja proativo, reflexivo, comprometido com as aprendizagens coerentes às necessidades do contexto e que estimule, nos estudantes, a criatividade, enquanto lhes proporciona vivências próximas da realidade profissional e que ampliem o seu repertório cultural.

No Capítulo 7, “Encantando o estudante para aprender”, Fernando Guilherme Priess discorre sobre o quanto se devem buscar estratégias lúdicas, com foco na criatividade, para que, com isso, atraia-se o interesse do estudante para o aprender. O autor destaca, ainda, como práticas lúdicas aquelas que extrapolam a diversão, o lazer e o entretenimento, e que são ligadas ao prazer e ao sentido que se tem no processo de aprendizagens. Para que o ensino seja interessante e significativo, portanto, destaca-se que o estudante precisa ser desafiado e estimulado por uma educação que aborde conteúdos do seu interesse e que satisfaçam às suas necessidades, preparando-o, assim, para o mundo moderno. O autor destaca ainda que a educação precisa estimular o pensar, o raciocinar, o levantar hipótese e o aprender a aprender. Um docente que constantemente problematiza, com seus estudantes, os conteúdos estudados, que os desafia, que atrai seus interesses, que estimula sua criatividade e o poder de solução de problemas e que os envolve na promoção de novos conhecimentos, utilizando métodos participativos para que tudo isso ocorra, tende a favorecer o desenvolvimento de sujeitos mais ativos, autônomos e críticos que aprendem sempre para criar, interagir e transformar realidades.

No Capítulo 8, Plano de aprendizagem: inovação no planejamento docente, Blasius Debald discute os impactos do planejamento docente, analisando os elementos constituintes do plano de aprendizagem. Segundo ele, o docente é quem imprime a nova cultura de planejamento como ato político-social, científico e técnico que conduz às aprendizagens; no entanto, a experiência dele isolada não dá conta de imprimir qualidade às aulas, tampouco garantir a construção de conhecimentos. O autor destaca que o planejamento precisa ser organizado intencionalmente, uma ação refletida permanentemente em que cabem novas formas de pensar o ensinar e o aprender, em uma perspectiva emancipatória. Nesse cenário, ele apresenta experiências do UniAmérica em que se mudou o planejamento docente para que se obtivessem resultados significativos nas aprendizagens dos estudantes. Para melhor organização das propostas implementadas na instituição, constituiu-se o plano de aprendizagem como espaço para a especificação das etapas do desenvolvimento das atividades docentes. Nesse plano, foi possível identificar as etapas de aprendizagem a fim de orientar o processo de produção do conhecimento do estudante, contemplando a descrição do que seria executado, os pré-requisitos necessários para a aprendizagem e a forma como o docente conduziria a problematização do desafio.

No Capítulo 9, “Desenvolvimento de competências por meio de estratégias pedagógicas de aprendizagem ativa”, Fausto Camargo destaca que, em um contexto em que estudantes demonstram insatisfação em relação ao método tradicional do ensino, mostra-se necessário repensar a educação, propondo mudanças que

promovam as aprendizagens. Para isso, o autor aponta as metodologias ativas como aquelas que visam aproximar a sala de aula da realidade profissional, oportunizando ao estudante vivenciar novas experiências e desafios por meio da problematização, do questionamento e do fazer pensar, em uma abordagem que articula a teoria à prática, para que se desenvolvam competências além do conteúdo, como a criatividade e a autonomia. Para ilustrar essa proposta de instituir novas práticas colaborativas visando à melhoria do aprendizado, o autor apresenta experiências do UniAmérica em que se trabalha com aprendizagem baseada em projetos, com a sala de aula invertida e com a aprendizagem baseada em times. As metodologias ativas, portanto, apresentam-se como alternativas que permitem ao estudante desenvolver a autonomia para enfrentar e resolver problemas e conflitos profissionais, tendo o foco no desenvolvimento de competências e habilidades com base na aprendizagem colaborativa e na interdisciplinaridade.

No Capítulo 10, “Planejamento integrado no curso de psicologia”, a autora Lissia Shataloff apresenta o planejamento como ferramenta de organização, sempre flexível, que busca orientar todo o processo de aprendizagem no ambiente educacional, e em que devem ser expressos os valores e os princípios da instituição. Nele, os conteúdos específicos precisam ser pensados em espiral e de maneira coerente, como também apresentado claramente o perfil do egresso, o perfil do corpo docente e a identidade da profissão. A prática do planejamento integrado traz benefícios ao processo de aprendizagem, segundo a autora, pois, ao serem trabalhados os conteúdos em sequência e encadeamento lógico, e os assuntos, abordados por diferentes docentes, possibilita-se uma variedade de pontos de vista para uma mesma temática em questão, bem como aumento da compreensão e engajamento por parte dos estudantes. Do ponto de vista docente, é enriquecedor também esse trabalho em função das trocas de experiências e do conhecimento interdisciplinar que se faz necessário para que esse planejamento funcione como o esperado. Um desafio, no entanto, de se instituir esse tipo de planejamento é conseguir reunir docentes de diversas áreas para construir coletivamente o documento organizado. Mas, vencendo-se essa barreira, ele corrobora as aprendizagens dos estudantes, promovendo uma atuação social e profissional transformadora.

No Capítulo 11, “O retorno da Paideia grega em forma de Paideia digital”, Rui Fava apresenta, em uma contextualização histórica que retrata a evolução da educação, o quanto a realidade da Paideia Grega se assemelha ao que se propõe nos dias de hoje, o que ele denomina como Paideia Digital, fases focadas na educação para a formação do homem. No artigo, o autor apresenta duas outras fases que se estabelecem entre essas, que é uma educação voltada para a formação da indústria, e a outra, para a formação do mercado, ambas focadas na disciplina, na padronização e na eficiência, visando ao desenvolvimento econômico, industrial, político e tecnológico e à empregabilidade e produtividade. Já na fase intitulada pelo autor de Paideia Digital, volta-se aos preceitos da Paideia Grega quando se busca o ensinar a pensar, a discernir, a escolher, a decidir; o sujeito em formação, nesse momento, precisa, além de desenvolver competências cognitivas, desenvolver outras voltadas também às inteligências emocional, volitiva e decernere. Nessa proposta de sistema de ensino baseado na aprendizagem por ação, desafios e resolução de problemas, os projetos são possibilidade de alicerces para conectar conteúdos, trabalhando eixos transversais, como empreendedorismo, sustentabilidade, programação e colaboração, mediados pela utilização das tecnologias digitais. Nela, os estudantes são desafiados à autonomia de pensar, tendo, na avaliação, o compromisso de se darem feedbacks contínuos para que se potencialize o aprendizado dos estudantes.

No Capítulo 12, “Desenvolvimento de competências pessoais e profissionais em vivências de sociocracia”, Hugo Espínola traz reflexões sobre o papel da educação no desenvolvimento de competências pessoais e profissionais, exigidas pelo mercado de trabalho em transformação, e nos relacionamentos pessoais, abordando sobre o quanto a educação precisa ser ferramenta de transformação e de inclusão a fim de que se construa uma sociedade mais justa, fraterna e ética. O autor mostra ainda experiências com sociocracia em sala de aula por meio da aplicação de estratégias e metodologias pedagógicas inovadoras na promoção do desenvolvimento de competências pessoais e profissionais discentes. No capítulo em questão, apresenta-se o relato de um Curso, no UniAmérica, de Competências Pessoais e Profissionais (CPP), o qual é ofertado em forma de unidades curriculares, abordando: desenvolvimento humano; educação financeira; empreendedorismo e inovação; ética, direitos humanos e valores universais etc. O curso é fundamentado no modelo de educação baseado em competências e na metodologia ativa de ensino e aprendizagem para o desenvolvimento de habilidades, buscando o desenvolvimento dos gêneros de inteligências: cognitiva, emocional, volitiva e decernere. Nesse espaço, propõe-se o estudo, antes das aulas, sobre os assuntos a serem discutidos, enquanto, na aula, ampliam-se as habilidades cognitivas, analisando artefatos, criando projetos, resolvendo problemas etc. O emprego da sociocracia apresenta-se como ferramenta de aprendizagem baseada em problemas em que, em um modelo de governança dinâmica, desenvolvem-se liderança distribuída, autorregulação, auto-organização e metodologia alicerçada nos princípios, nas práticas e nos valores de autonomia, consentimento e transparência. Como benefícios dessa metodologia sociocrática, destacam-se a mestria para a realização de tarefas em grupo, o desenvolvimento do espírito de equipe, o crescimento da liderança individual e grupal, a perícia para elaboração de projetos colaborativos e a aptidão para transformar tensões em oportunidades enriquecedoras.

Da leitura e análise deste livro, observou-se que, embora haja repetição, nos capítulos, de algumas ideias concernentes ao que o texto propõe para discussão (a dos impactos provocados pelo uso de metodologias ativas na educação superior, tais como a importância do rompimento de paradigmas da educação tradicional para se proporem modelos novos que sejam coerentes ao contexto atual; a necessidade de se repensarem os papéis dos docentes bem como dos estudantes na educação atual para que se qualifique o processo de promoção das aprendizagens), o material traz diálogos e proposições enriquecedoras ao estudo e ao debate sobre o assunto. A partir de experiências ocorridas no UniAmérica sobre como podem ser os espaços, as práticas, os currículos, os planejamentos e outros elementos significativos na organização das instituições de educação superior, o texto apresenta possibilidades de ações formativas que contribuam para o crescimento pessoal, profissional e social dos estudantes, corroborando, assim, a transformação e o desenvolvimento sustentável dos espaços de vida.

Alessandra Edver Mello dos Santos

Graduada e pós-graduada em Letras-Português e Leitura, Análise e Produção de Texto pela Universidade de Brasília (UnB)

Professora da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF)

Pró-reitora de Graduação da Universidade do Distrito Federal (UnDF)

Contato: alessandra.edver@undf.edu.br